



SACADAS E ESTOCADAS

O COTIDIANO URBANO NOS QUADRINHOS DE ANGELI

Monica Fontana

Professora de Língua Portuguesa, Redação e Expressão Oral
nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda
do Centro de Estudos Superiores Barros Melo – CESBAM / PE

Resumo: *Sacadas e estocadas - o cotidiano urbano nos quadrinhos de Angeli* busca traçar uma breve análise do trabalho do cartunista na representação de alguns aspectos da sociedade urbana brasileira pelo viés do humor. A escolha fundamenta-se na projeção e na relevância da obra de Arnaldo Angeli Filho, sobretudo pela consolidação de uma linguagem desenvolvida e amadurecida durante anos de experiência com a narrativa em quadrinhos. A análise orienta-se segundo três aspectos: o contexto em que se desenvolveu o trabalho do cartunista, com destaque para sua produção editorial, o formato utilizado em função da narrativa e o conteúdo, especificamente o que caracteriza o humor e o elemento urbano nos quadrinhos de Angeli.

Palavras-chave: Angeli, Humor, Cotidiano urbano.

Este texto busca apresentar uma breve análise do trabalho de um dos nomes de maior destaque no quadrinho brasileiro contemporâneo. A escolha não é aleatória, fundamenta-se na projeção e na relevância do trabalho de Arnaldo Angeli Filho, não apenas pela publicação diária de suas tiras nos grandes jornais mas sobretudo pela consolidação de uma linguagem desenvolvida e amadurecida durante anos de experiência com a narrativa em quadrinhos.

Vamos orientar nossa análise segundo três aspectos: o contexto em que se desenvolveu o trabalho do cartunista, com destaque para sua produção editorial, o formato utilizado em função da narrativa e o conteúdo, especificamente o que caracteriza o humor e o elemento urbano nos quadrinhos de Angeli.



Angeli, por ele mesmo.

Talvez Angeli seja reconhecido hoje principalmente pelas charges com que ilustra as manchetes do caderno Brasil da *Folha de S. Paulo*, e é verdade que ao iniciar sua carreira ele queria justamente isto: ser chargista político. O flerte com o *Pasquim* já prenunciava esta disposição. Em 72, ao participar do segundo Salão do Humor de Piracicaba, onde conquistou o segundo lugar, Arnaldo Angeli Filho conseguiu chamar a atenção para o seu trabalho. Foi convidado pelo jornalista Cláudio Abramo para inaugurar o espaço de charge política na *Folha de S. Paulo* e durante dez anos dividiu aquele espaço com Luiz Gê. Além da *Folha*, ainda colaborava com os jornais alternativos *Versus*, *Movimento* e *Pasquim* e publicou uma HQ na revista *Balão*. Mas estes dez anos de "militância" na charge política o levaram a um impasse:

Quando entrei nesta onda da charge política virei militante cinza. Fui trabalhar para editoras que serviam ao PC! Quando senti que estava entrando para um buraco sem saída, eu olhei aqueles rabiscos de personagens guardados na gaveta e pensei: a minha vida está muito mais nessa gaveta do que nas coisas que saem diariamente na *Folha de S. Paulo*.¹

Em 82, Angeli levou uma proposta à direção do jornal para trocar a charge política pelos quadrinhos. Apresentou um projeto de tiras diárias — que a princípio nem eram tiras

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **História em Quadrinhos**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

mas quadrados — para o caderno Ilustrada, da *Folha*, chamado *Chiclete com Banana*. Esta "reentrada" de Angeli nos quadrinhos coincide com um momento bastante produtivo no mercado editorial de quadrinhos no Brasil. Dois anos depois de estreitar suas tiras na ilustrada, Angeli participou da criação da Circo Editorial, de Toninho Mendes, publicando seu primeiro álbum com histórias de Bob Cuspe, um punk niilista de subúrbio. O álbum fez sucesso e, em pouco tempo, chegou à nona edição. Logo depois surgiu a oportunidade de editar uma revista própria com os personagens que apareciam nas tiras publicadas diariamente no jornal. *Chiclete com Banana* foi o nome escolhido para batizar a revista pois, de certa forma, era a "marca registrada" de Angeli, além de já ser um nome conhecido pelos leitores de suas tiras na *Folha*. A revista —que inicialmente deveria ser uma experiência de poucos números— foi sucesso de vendas a ponto de "puxar" outras publicações da Circo e muitas outras iniciativas editoriais. Com tiragem inicial de 20 mil exemplares, pulou para 40 mil no terceiro número e chegou à marca de 110 mil exemplares nas bancas nos números 7 e 8 para depois se estabilizar nos 60 mil exemplares. Durante cinco anos a revista conseguiu se manter com periodicidade bimestral completando 24 números e algumas edições especiais. A *Chiclete* lançou ainda, pela editora Circo/Sampa, a série Tipinhos Inúteis, que a cada número trazia um personagem (ou dupla) criado por Angeli —como o próprio subtítulo da publicação, *The best of Angeli*, indicava. A maior parte dos números da *Chiclete* foi reeditada permitindo que a revista permanecesse nas bancas por muito tempo ainda, mas sem aquele sabor de novidade.

A seu modo a *Chiclete com Banana* inovou, tanto quanto pode, o modo de fazer revista em quadrinhos no país. Caracterizou-se por ser uma publicação bastante heterogênea: fotonovelas, colunas especiais, textos e ilustrações, charges, cartas dos leitores com direito a resposta e muito quadrinho, claro, enchiam suas 52 páginas impressas em papel off-set, tamanho ofício. O ecletismo da *Chiclete* não impedia, no entanto, que a revista tivesse uma linha editorial bem definida: humor irreverente, humor cáustico, humor crítico em quadrinhos, textos, fotos que nada tinham a ver com pudor, moral ou bons costumes.²

A princípio, a revista era praticamente toda editada com textos e quadrinhos de Angeli, com algumas poucas participações especiais. Os leitores sempre tiveram lugar de destaque na seção de cartas que, em suas quatro páginas, trazia também as respostas do editor.

¹ Angeli em entrevista à revista *Mil Perigos*, n. 5, São Paulo, Dealer, novembro de 91, p. 45.

² Como já indicava o subtítulo da revista: *Humor, Quadrinhos Sacadas e Estocadas*.



Depois de um séquito razoável de leitores nas bancas e consolidar as vendas, a *Chiclete* aumentou a participação de colaboradores. No número 16, a revista lançou o primeiro número do suplemento JAM, que reunia trabalhos bem diversificados —da coluna "Banana Purgativa" de Glauco Mattoso à "Sindicato da Natureza" de Roberto Piva e aos textos de Furio Lanza; dos então iniciantes quadrinistas Newton Foot e Fábio Zimbres aos veteranos Laerte e Luiz Gê e às ilustrações de Rubem Grilo e Mariza Dias—, tudo em doze páginas encartadas na revista. JAM era o que o nome pretendia: uma *jam session* —à semelhança das jams jazzísticas que se estenderam, depois, a outros gêneros musicais— ou seja, a reunião do trabalho de vários artistas de estilos diversos cujo resultado era um encontro de caráter meio improvisado mas que atingia uma certa harmonia no seu conjunto. Além de enriquecer o número de participações na revista, o suplemento JAM parece ter contribuído para seu redirecionamento gráfico e editorial. De fato, nos números seguintes, a *Chiclete* se mostrou mais resolvida graficamente e mais amadurecida editorialmente, deixou um pouco de lado seu humor besteiro, sem compromisso, para incrementar a participação de outros artistas que deram um tom diferente à revista: ficou mais variada, mais aberta a outros tipos de humor e mais madura porque levou aos leitores concepções diferentes em quadrinhos humorísticos, em quadrinhos eróticos, em textos cuja proposta não era apenas o escracho mas a informação e a opinião.

Embora tendo exercitado sua habilidade como editor a cada número da *Chiclete*, Angeli sempre foi, sobretudo, autor de quadrinhos —a revista foi apenas uma consequência disto. No exercício de compor uma tira diária para a série *Chiclete com Banana*, da *Folha*, Angeli foi realizando um verdadeiro levantamento de figuras excêntricas, criando uma série de personagens mundanos num retrato exagerado dos tipos que compõem a "fauna" urbana— onde não faltam referências à cultura pop. Esta galeria de personagens foi definida por Moacy Cirne como "o mais delirante e esporrento, em sendo cruelmente patético, dos universos ficcionais da nossa 'banda desenhada' ".³

A partir de temas ou situações que caracterizam a vida moderna —do punk ao dark, ao neopsicodelismo, do machismo cafajeste ao feminismo libertino, da militância de esquerda ao egocentrismo exacerbado ou à completa falta de caráter— as personagens da série *Chiclete*

³ Moacy Cirne. "Quadrinhos brasileiros, hoje e sempre". in *História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Funarte/Edição Europa, 1990, p. 83.

percorrem a trilha do humor cáustico e escrachado, expondo sempre o lado mais grotesco da personalidade humana, satirizando o cotidiano das pessoas que vivem numa grande cidade, tornando cômica uma situação comum levada ao seu extremo. Este humor é ainda mais eficaz porque traduzido graficamente: o traço caricatural tende sempre para o exagero de formas e feições, realçando a fealdade das personagens. Nem mesmo o autor é poupado, também ele figura como personagem que representa seu próprio papel.



O formato da tira diária corrobora o tipo de humor desenvolvido por Angeli: direto, às vezes até agressivo. Não é à toa que a tira gira sempre em torno de personagens que vivem uma situação nova a cada dia ou sempre a mesma situação com diferentes nuances, personagens com os quais o leitor se identifica ou identifica alguém conhecido. A estrutura da tira diária comporta uma idéia simples, sintética e completa. Ela própria é uma seqüência com começo, meio e fim compondo uma seqüência narrativa cuja estrutura apresenta três funções bem definidas: virtualidade, atualização e acabamento —com possibilidades de não-atualização e não-acabamento, à exemplo do que se encontra nas narrativas canônicas.⁵

Por sua estrutura simples, que comporta de dois a quatro quadros onde geralmente se desenvolve uma idéia completa, por sua leitura fácil e instantânea, a tira pode parecer algo descartável, como o jornal do dia anterior, o que é um engano. Poderíamos comparar a tira diária à crônica, em literatura, onde o autor extrai, a partir dos fatos triviais do dia-a-dia, um elemento ficcional e com ele recria a realidade através do humor, da reflexão crítica e da fantasia. Exige empenho do autor no sentido de manter o interesse do leitor desperto para aquele texto ligeiro.

⁴ Tira publicada na Folha de S. Paulo de 03/10/95, caderno Ilustrada, p. 5-4.

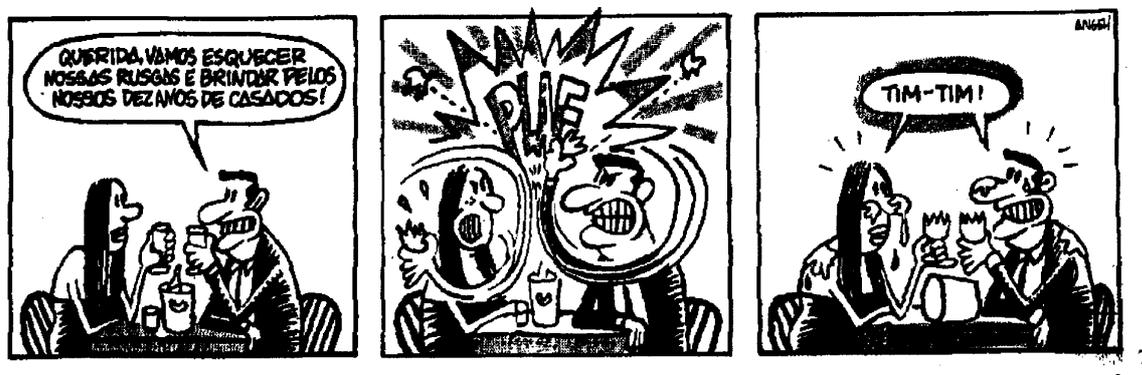
⁵ Cf. Cesare Segre. As estruturas e o tempo. São Paulo: Perspectiva, 1986.

O humor nos quadrinhos tanto pode ocorrer no nível lingüístico, em que as imagens somente realçam os efeitos do texto, como pode, ao contrário, se dar ao nível da imagem, quando então o texto é apenas um elemento secundário, de apoio. Nas tiras de Angeli, não existe, a rigor, uma tendência em que se verifique a predominância de um elemento sobre o outro: o lingüístico sobre o icônico, ou vice-versa. Observemos três casos distintos.



Na tira acima, a predominância do texto sobre a imagem é bastante evidente. A composição da tira está centrada nos diálogos: um juízo de valor, uma contestação e considerações de ambas as partes. A imagem faz o contraponto irônico com o texto: embora o comportamento anarco-punk de Bob Cuspe o leve a observar com ceticismo a vida e os costumes da sociedade, em particular da classe média, a partir da latrina —imagem por si só carregada de implicações—, é o garoto que ele censura quem detém um ponto de vista realmente niilista, e a crítica do punk se volta contra ele próprio.

Observemos este outro exemplo:



Ao contrário do exemplo anterior, aqui o elemento pictórico é obviamente dominante e o texto tem uma função de elucidar e ao mesmo tempo limitar os significados possíveis da imagem. O humor se estabelece na relação entre o texto do primeiro quadro —uma proposta de trégua na forma de um brinde— e a imagem dos dois quadros seguintes, onde se concentra o elemento cômico da tira: na violência com que eles brindam, na feição de rancor dos dois, na falsa naturalidade do "tim-tim" que, em meio ao caos resultante do brinde, procura selar a homenagem aos estilhaços que restaram deste relacionamento.

Acreditamos, no entanto, que o autor consegue obter o melhor resultado quando texto e imagem se combinam com equilíbrio e a piada ocorre nos dois níveis, o textual e o pictórico. Observemos:



Este é um bom exemplo em que imagem e texto se completam e se reforçam. Se no primeiro quadro existe apenas a observação do pai em relação aos primeiros pêlos púberes de seu filho, no segundo a insistência na observação cria tal constrangimento no filho a ponto de fazê-lo sentir um exagero de pêlos crescendo em seu corpo, o que de fato ocorre na imagem. Quando o texto deixado em suspenso no final do segundo quadro ... *falta pouco para meu filho virar um homem...* termina com o inusitado ... *de neandertal*, no último quadro, a simbiose que ocorre entre palavra e imagem completa o humor da tira. Neste caso, o cômico ocorre justamente porque as palavras do pai têm o poder literal de transformar a imagem do filho. O humor torna-se ainda mais pitoresco quando situado no universo ficcional de Wood e seu filho Overall: o relacionamento dos dois está sempre no limite de um conflito de gerações.

⁶ “Malditas Latrinas”, *Chiclete com Banana Especial - Bob Cuspe*, São Paulo, Circo Editorial, p. 33.

⁷ “Histórias de Amor”, *Chiclete com Banana*, n. 23, São Paulo, Circo Editorial, jun/jul 90, p. 10.

⁸ Tira publicada na Folha de S. Paulo de 25/10/95, caderno Ilustrada, p. 5-2.



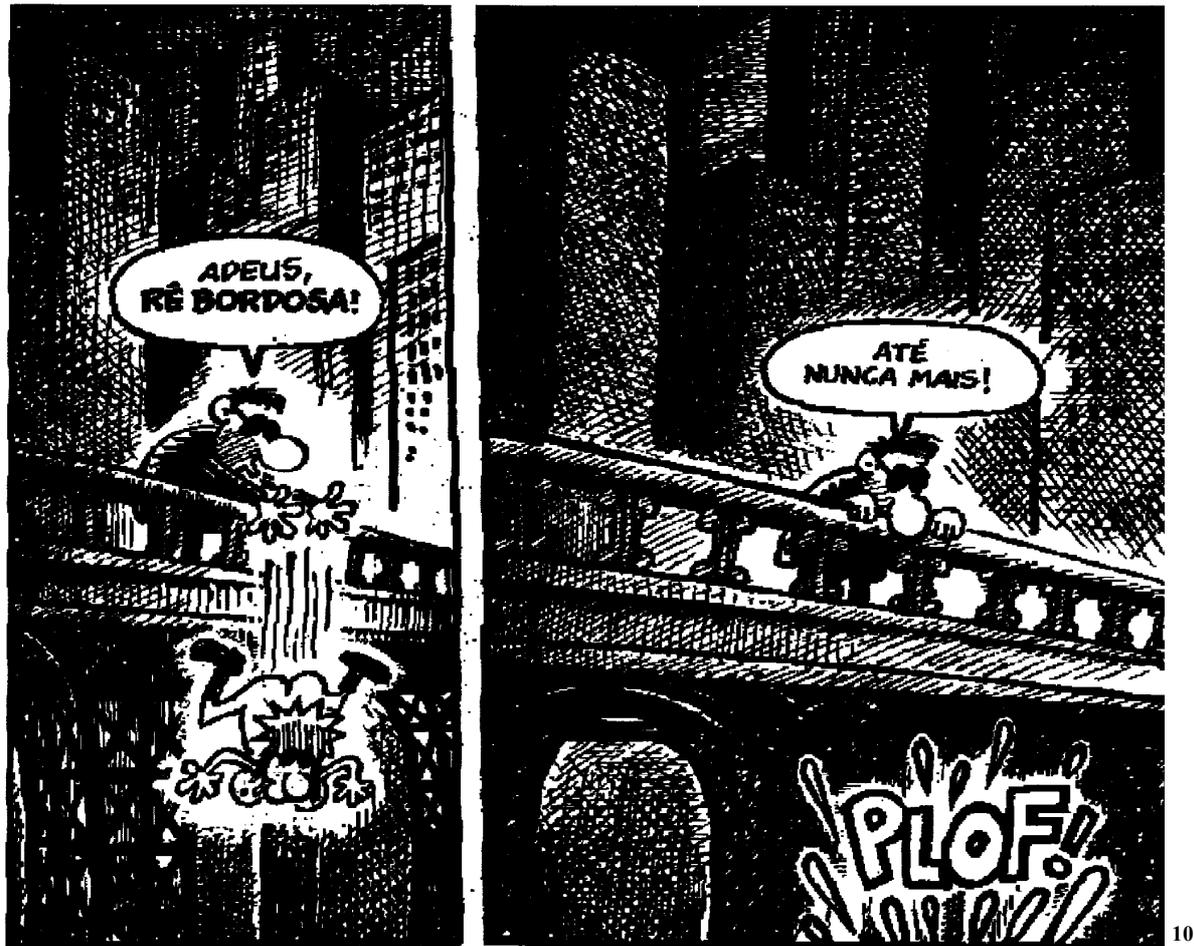
Neste contexto, a tira pode levar a uma outra leitura, entre muitas possíveis: velho hippie e consumidor de drogas psicodélicas, Wood tece suas observações ao mesmo tempo em que cria uma alucinação em sua cabeça, a imagem de seu filho peludo: *Que loucura!...*

Angeli parece ter encontrado na tira o formato ideal para o humor ácido, com o qual constrói o universo de seus personagens. Isto fica bem claro quando observamos que mesmo na revista —um meio mais adequado a histórias longas—, o autor lança mão da tira para compor um mosaico a partir do qual ele desenvolve uma idéia mais geral e abrangente, como nos *comics sincronizados*⁹. Esta fórmula é levada ao extremo em algumas edições especiais da *Chiclete com Banana*, particularmente na antológica "edição de luto" da morte de Rê Bordosa e na revista em que o autor revela as memórias da personagem registradas em diário.

A edição especial *Rê Bordosa, a morte da porraloca* reúne os melhores momentos da personagem entre texto, ilustração, entrevista, depoimentos, histórias e tiras. O autor traça a "biografia" da personagem através das tiras, originalmente publicadas na *Folha*, que formam blocos separados por temas: vida e obra, o psicanalista, a mãe, o pai, os amantes, o namorado, na TV, em férias, grávida, suicida e broxante. Além deste painel dos vícios mantidos pela personagem, a revista traz também duas versões para a morte de Rê Bordosa, feitas especialmente para esta edição. Limitemo-nos a estas duas.

É interessante observar a evolução que ocorre de uma versão para outra, tanto no plano do enredo como no da estruturação narrativa. A primeira, *Seção de Tortura - o assassinato de Rê Bordosa*, segue a mesma linha de composição por tiras sem muitas novidades em sua estrutura: separada do conjunto, cada tira funciona como um segmento autônomo e completo em si mesmo, quando justapostas as tiras são peças de um mosaico maior onde se percebe a evolução narrativa. Do ponto de vista diegético podemos assinalar a presença do autor feito personagem para assassinar sua própria criação.

⁹ Tira diária que encerra uma história completa com desdobramentos nos dias seguintes sem que haja lacuna de compreensão. Cf. Román Gubern. *El lenguaje de los comics*. Barcelona: Ediciones Península, 1974.



A verdadeira história da morte de Rê Bordosa - a versão do autor é mais elaborada. A narrativa irrompe do último quadrinho da primeira versão com algumas modificações —o quadro agora ocupa toda uma página e ganha um enunciado explicativo: "Cansado de sua personagem o autor atira Rê Bordosa nas águas grossas e sujas de um rio que corta a cidade"— e continua por nove páginas que mostram as desventuras da personagem até sua morte definitiva: é salva por mendigos que moravam debaixo da ponte; de volta à vida só encontra perigo e problemas, tudo parece colaborar para destruí-la; é "salva" pelo garçom que a pede em casamento —segundo ele a única solução para seus problemas—; o casamento não é solução, apenas um problema a mais e a personagem finalmente morre de tédio conjugal. Podemos perceber que nesta história, ao contrário das outras, embora ainda permaneça a

¹⁰ “Seção de Tortura - o assassinato de Rê Borbosa”, *Chiclete com Banana Especial - Rê Bordosa/A Morte da Porraloca*. São Paulo, Circo, dezembro de 1987, p. 53.



estrutura de composição a partir de tirinhas curtas, as tiras não são apenas "peças de um mosaico", mas formam seqüências completas que fazem evoluir a narrativa. Verificamos também que as seqüências se estruturam em função do formato da tira e que, em certos momentos, o mesmo quadro se situa no limite de duas tiras distintas, encadeando uma seqüência a outra.

Outra diferença é a presença marcante do narrador através de enunciados que conduzem a ação, fazendo a ligação entre uma tira e outra. A história tem também um ritmo próprio que se impõe desde o início: as seqüências são curtas, tornando a narrativa mais dinâmica, precipitando os acontecimentos. A última seqüência, não por acaso a mais longa de todas, quebra este ritmo dinâmico e o enfoque muda da ação para a situação, as tiras são mais independentes e compõem um retrato do dia-a-dia conjugal. Esta quebra do ritmo narrativo colabora para a idéia de estagnação que passa a ser a vida da personagem depois de casada, algo tão banal e entediante quanto ficar se empanturrando de comida em frente à TV, o que de fato ocorre com Rê Bordosa e que, definitivamente, só poderia ser o fim para uma personagem como ela.

Em *Memórias de uma Porraloca*, escrita oito anos depois, encontramos um aprimoramento no estilo narrativo do autor. Na primeira história, *Arquivo X*, somos levados a saber como veio à tona o diário da personagem que Angeli matara anos atrás. Narrada em primeira pessoa e protagonizada pelo autor/narrador, *Arquivo X* é uma HQ de quatro páginas que, ao contrário de *A verdadeira história da morte de Rê Bordosa*, tem uma estrutura contínua embora ainda guarde o *timing* da tira. Depois que o narrador descobre uma pasta contendo o diário e, curioso, começa a ler, somos introduzidos em outra narrativa: a das memórias contidas no diário, num jogo metalingüístico que o próprio autor muitas vezes criticou.¹¹ Os desdobramentos narrativos de *Arquivo X* aparecem no início de cada episódio das *Memórias...*, desta vez em forma de texto contínuo acompanhado de uma ilustração, quando o autor/narrador interfere com considerações pessoais sobre aquilo que lê.

Como se trata de um diário, a narrativa em *Memórias...* ganha um tom mais intimista. As desventuras narradas por Rê Bordosa em cinco episódios temáticos voltam ao formato da tira mas num outro ritmo, com as imagens, agora, pautadas pelo relato da personagem.

¹¹ Em entrevista à revista *Mil Perigos*, por exemplo, Angeli diz que não gosta de "metalinguagens, segundas leituras" e que prefere os "recados diretos, que qualquer um entenda, mesmo que não goste de quadrinhos". in *Mil Perigos*, op. cit., p. 52.



12

Neste diário em quadrinhos, as imagens correspondem à experiência vivida pela personagem e o texto às suas memórias. Mas, como existe uma defasagem de tempo entre o relato do texto e o relato da imagem, e mesmo por isso, é possível perceber um jogo de contradições entre texto e imagem, o que enriquece a narrativa. Nas memórias de Rê Bordosa, enquanto o texto traz as impressões da personagem a respeito da vida e de si mesma, a imagem se opõe ao texto ao mostrar a realidade vivida pela personagem em seus detalhes mais patéticos.

30 DE JULHO DE 85



13

O autor, nestas memórias, é mais irônico em relação à personagem que nas histórias anteriores à sua morte. Abordando a subjetividade de Rê Bordosa, ele nos mostra o outro lado das desventuras vividas pela "velha junkie", principalmente no que diz respeito aos desencantos e à solidão de sua vida desregrada.

¹² "Homem é encrenca", *Memórias de uma Porraloca*. São Paulo, Circo, outubro de 95, p. 24.

¹³ "E agora são cinzas", *Memórias de uma Porraloca*, op. cit., p.27



A primeira impressão que se teve com a notícia da volta de Rê Bordosa em *Memórias...* foi a de que o cartunista havia esgotado seus tipinhos e ressuscitava antigos personagens para continuar na ativa. A própria publicação tratou de desfazer este equívoco, mostrando que ainda havia muito fôlego criativo na pena de Arnaldo Angeli. Sua produção mais recente apenas vem confirmar este fato: a dupla Luke & Tantra —e de quebra todo o universo adolescente urbano deste início de século que acompanha as duas— chega para acrescentar seu sangue bom à galeria de personagens do autor.

Convém, por fim, observar que Angeli aperfeiçoou seu estilo narrativo em função da estrutura da tira diária, suas histórias se apóiam, basicamente, no formato da tira. São histórias curtas, próprias às suas rápidas “sacadas”. Seu humor é direto e debochado, caricatural — como o seu traço. Em suas tirinhas, o humor e a temática urbana guardam estreitas relações. Angeli parte da realidade que o cerca para dissecá-la e tecer, com humor crítico, suas crônicas em quadrinhos. Da observação do comportamento humano nas situações mais banais do cotidiano de qualquer um, ele foi construindo seus personagens. Da observação dos costumes urbanos e de sua recriação, às vezes cética, às vezes irônica, desenvolve seu humor debochado, muitas vezes agressivo, um humor que tende para a crítica de comportamento.

Referências Bibliográficas

- CIRNE, Moacy. “Quadrinhos brasileiros, hoje e sempre”. in *História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Funarte/Edição Europa, 1990.
- GUBERN, Román. *El lenguaje de los comics*. Barcelona, Ediciones Península, 1974.
- SEGRE, Cesare. *As estruturas e o tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- Revista *Mil Perigos* n. 5. São Paulo: Dealer, novembro de 91.
- Revistas *Chiclete com Banana* n. 1-24. São Paulo: Circo/Sampa.
- Chiclete com Banana Especial - Bob Cuspe*. São Paulo: Circo Editorial, s/d.
- Chiclete com Banana Especial - Rê Bordosa/A Morte da Porrالoca*. São Paulo: Circo, dezembro de 1987.